

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO

KARINA GUSEN MAYER

**UMA TRADUÇÃO COMENTADA DA OBRA *THE  
UNFORTUNATE TRAVELLER: OR, THE LIFE OF JACK WILTON,*  
DE THOMAS NASHE**

Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo como parte do Exame de Seleção para o Curso de Mestrado.

Orientador: Prof. Dr. John Milton

São Paulo

1º semestre de 2012

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	03
2. JUSTIFICATIVA	04
3. OBJETIVOS	06
4. PERGUNTAS DE PESQUISA	07
5. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	12
6. METODOLOGIA DE PESQUISA	16
7. CRONOGRAMA	17
8. BIBLIOGRAFIA	18

## 1. Introdução

A proposta deste projeto de pesquisa é a elaboração de uma tradução comentada do romance picaresco *The Unfortunate Traveller: or, The Life of Jack Wilton*, de Thomas Nashe. Esse romance foi lançado no ano de 1594, durante o reinado da rainha Elizabeth (1558-1603) na Inglaterra e é considerado o primeiro romance picaresco escrito em inglês.

Até o momento, não há registros de tradução desse romance para língua portuguesa. Portanto, para essa tradução será necessário realizar uma pesquisa aprofundada para contextualização da obra e elaboração dos comentários na língua de chegada, o que torna essa proposta uma possibilidade de interessante enriquecimento para área de Estudos da Tradução.

No livro, Jack Wilton, o narrador em primeira pessoa, conta-nos as aventuras de suas viagens de maneira satírica. Ele é um pajem a serviço do exército do rei Henrique VIII que, no início, apresenta-se como uma pessoa de humor sarcástico com forte discurso persuasivo, capaz de convencer as pessoas a fazer qualquer coisa. Como ele mesmo diz: “Eu poderia fazê-los gastar todo o dinheiro que tinham para o meu prazer”.

Ao longo da narrativa, esse narrador atuante e controlador das situações passa a ser vítima das circunstâncias. Ele é preso duas vezes, apaixona-se por uma mulher casada, inicia um relacionamento com ela e depois descobre que foi traído. Um mal entendido faz com que Jack vire escravo de um judeu e ele é quase usado em uma vivissecção. Ao final, ele consegue contornar todos esses problemas, casa-se com sua amada, reencontra o exército Inglês acampado e decide retornar para os serviços do rei.

Thomas Nashe nasceu em 1567 em Lowestoft, um porto pesqueiro no leste da Inglaterra. Estudou na Universidade de Cambridge e, assim como muitos escritores ingleses de sua época, mudou-se para Londres ainda jovem a fim de sobreviver como escritor. Sua obra é composta por panfletos, poemas e um romance picaresco.

Seu estilo literário era bem variado. O fato de ser jornalista contribuiu para a recorrência de temas cotidianos, mas Nashe os apresentava de uma maneira diferente. Suas histórias continham características diversas, muitas vezes misturadas dentro da mesma obra, como é o caso do romance *The Unfortunate Traveller: or, The Life of Jack Wilton*.

Por ter sido escrito há mais de quatro séculos, o romance picaresco de Nashe apresenta alguns problemas de retórica e de gênero, o que era comum para época. O conceito de literatura dividida em gêneros, como conhecemos hoje, começou a surgir a partir da segunda metade do século XVIII. Portanto, ao longo da narrativa, encontramos traços de diferentes gêneros literários, como por exemplo, da sátira, do romance e até da farsa. Estes aparecem misturados com discursos moralistas e críticas sociais, que estão mais próximas da opinião pessoal de Thomas Nashe do que do estilo pícaro do narrador.

## **2. Justificativa**

Dentre todos os escritores do período elisabetano, Shakespeare foi sem dúvida o que mais se destacou e, por consequência, o mais estudado até os dias de hoje. Porém, além de Shakespeare, outros autores se destacaram e conquistaram fama na mesma época. Além de Thomas Nashe, podemos citar Christopher Marlowe, Robert Greene e George Peele.

De certa forma, obras que outrora fizeram tanto sucesso, foram esquecidas ao longo do tempo. Tendo isso em mente, pode-se considerar um passo enriquecedor para a área dos Estudos da Tradução no Brasil traduzir ou retraduzir, não apenas essa obra, mas também outras da literatura inglesa do mesmo período. O resgate de tais obras por meio da tradução nos possibilitaria conhecê-las mais a fundo e isso, possivelmente, geraria mais trabalhos de comparação na área de Literatura Inglesa. Além, é claro, de aprimorar a nossa compreensão do vocabulário usado no período elisabetano e das referências usadas na época, criando corpus e glossários com termos desse período.

A escolha da tradução da obra de *The Unfortunate Traveller* deve-se ao fato de este ter sido o primeiro romance picaresco escrito em inglês. Nashe construiu uma narrativa diferente para a época e este é um fato interessante do ponto de vista literário, pois, enquanto cria um gênero novo, ele tenta encaixá-lo dentro dos gêneros já existentes. Ele transforma pícaros em heróis e heroínas, descreve o regresso do narrador para o lar, insere um casamento com direito a final feliz. Enfim, ele adequa sua narrativa aos padrões românticos de sua época, o que nos dá a impressão de um romance picaresco mal acabado.

Como também afirma Stephen R. Mentz (2001) em seu artigo: *The Heroine as Courtesan: Dishonesty, Romance, and the Sense of an Ending in The Unfortunate Traveler*:

Nashe, eu sugiro, casa Jack e Diamante em sua última página, a fim de alinhar-se com escritores nesta tradição, mais recentemente, Sidney e Greene. Ao fazer isso, ele assegura uma casa genérica para sua história, e ele também conscientemente estende o gênero. (MENTZ, 2001)<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Todas as traduções apresentadas neste projeto foram elaboradas pela autora.

Pelos motivos citados acima e por ser um tema pouco explorado, podemos concluir que essa pesquisa beneficiaria os tradutores em geral e também os pesquisadores das áreas de Estudos da Tradução, Literatura Comparada e Estudos Linguísticos e Literários em Inglês.

### **3. Objetivos**

Os objetivos desse projeto de pesquisa são: 1) Apresentar uma tradução comentada do romance picaresco *The Unfortunate Traveller: or, The Life of Jack Wilton*, de Thomas Nashe; 2) Estudar as dificuldades de tradução de um texto escrito em inglês durante o período elisabetano para o português; 3) Introduzir a obra de Thomas Nashe para o público brasileiro.

Por se tratar de um texto produzido há mais de quatro séculos, essa tradução apresenta uma série de desafios para a tradutora. Dentre esses, podemos citar, primeiramente, o espaço de tempo entre o lançamento do texto original e sua primeira tradução para o português. Esse distanciamento dificulta o processo tradutório, pois a língua inglesa sofreu alterações estruturais, lexicais e semânticas durante esses anos. Além disso, as referências usadas na época, e que estão presentes no texto, não são conhecidas do público atual por fazerem parte de outro contexto literário.

Tais desafios requerem um estudo aprofundado da literatura e dos discursos propagados na época, pois é importante conhecer bem o contexto sociocultural em que a obra foi escrita.

Esse projeto visa a aproximar, por meio da tradução, o leitor da produção literária e do talento de Thomas Nashe, despertando-lhe o interesse em conhecer mais a respeito da obra, do autor e da literatura do período elisabetano.

#### **4. Perguntas de Pesquisa**

A pesquisa pretende nortear o processo de tradução deste romance considerando cinco perguntas centrais:

##### **Como contextualizar esta obra para o leitor da língua de chegada?**

A contextualização nesse caso faz-se necessária, pois, como já citado anteriormente, há um distanciamento bastante significativo entre o lançamento do original e o da tradução proposta nesse projeto. A obra foi escrita num contexto histórico totalmente diferente e para um público com expectativas diferentes em relação ao romance.

Venuti (2004), em seu artigo *Translation, community, utopia*, ao defender a tradução estrangeirizadora afirma que uma tradução só poderá comunicar a mesma compreensão do texto estrangeiro que os leitores estrangeiros têm desse, uma vez que vier acompanhada de “uma inscrição do contexto estrangeiro em que o texto surgiu pela primeira vez”.

Inicialmente, penso que inserir uma introdução antes da tradução, com o objetivo de contextualizar o romance, destacar algumas de suas características e apresentar os dados históricos seja um bom caminho para facilitar a compreensão do texto estrangeiro.

### **Que tipo de tradução se aplica melhor a esse texto?**

De que maneira devemos traduzir um texto do período renascentista para o público brasileiro hoje? Que tipo de tradução se aplicaria melhor para esta obra? Uma tradução modernizadora com adaptações e substituições do vocabulário e referências da época ou uma tradução arcaizante com notas explicativas?

Ao elaborar a tradução desse romance, o tradutor precisará considerar esses questionamentos e observar os métodos propostos por tradutores de Shakespeare para adequar suas traduções em língua portuguesa.

Marcia Martins (2008), ao analisar traduções das peças de Shakespeare para o português, observa que as traduções tendiam para dois estilos: arcaizantes ou modernizadoras. Em seu artigo *Shakespeare em tradução no Brasil*, ela explica que “a tradução arcaizante ou estrangeirizadora recorre a estratégias que não apagam as diferenças linguísticas e culturais do texto-fonte, mantendo elementos específicos do contexto linguístico original, do intertexto literário ou da situação sociocultural.” Já a tradução “modernizadora ou facilitadora busca um enfoque mais contemporâneo, especialmente na dicção e na poética”. Este tipo de tradução busca produzir um texto fluente na língua de chegada, enquanto aquele mantém o estranhamento do texto na língua de partida.

Esses questionamentos e as observações das traduções elaboradas para as peças de Shakespeare, feitas por tradutores consagrados, ajudarão a escolher de um método de tradução mais apropriado para este caso e a produzir um texto na língua de chegada que respeite o significado do texto original, tentando preservar o espírito da obra e mantendo o estranhamento causado no texto de Nashe.

### **Como tratar as frases em latim usadas pelo narrador Jack Wilton?**

O narrador Jack Wilton utilizou, em vários trechos, frases em latim, como no exemplo a seguir:

Well, *Tendit ad sydera virtus*, there's great virtue belongs (I can tell you) to a cup of cider, and very good men have sold it, and at sea it is *aqua coelestis*, but that's neither here nor there; if it had no other patron but this peer of quarts to authorize it, it were sufficient.

Segundo o livro *Os Tradutores na História*, a língua oficial da Inglaterra até 1600 era o latim, embora o inglês, como língua vernácula, já fosse usado pelos escritores e lido por um número expressivo de pessoas. Com base nesse dado histórico e na literatura consumida na época, podemos concluir que, nesse primeiro cenário, essas frases provavelmente seriam compreendidas pelo público leitor.

Porém, não podemos afirmar isso sobre os leitores ingleses do século XXI. Devido às transformações sofridas no idioma ao longo dos anos, tais frases provavelmente causariam um grande estranhamento por não ter nenhuma aproximação da língua falada atualmente. Nesse segundo cenário, podemos afirmar que haveria uma incompreensão do que está sendo dito. Pensando no atual contexto do público leitor brasileiro, no qual a tradução do livro será inserida, podemos concluir que também haverá uma incompreensão, caso essas frases não sejam traduzidas para o português.

Cabe ao tradutor então pensar em soluções que possam ser empregadas para traduzir essas frases para o público brasileiro no contexto atual, seja por meio de notas de rodapé ou notas apenas ao final do texto traduzido.

## Como traduzir as expressões e vocabulário específicos do inglês usado no período elisabetano?

Quando lemos o livro de Nashe, encontramos expressões e vocábulos que são pouco ou não mais usados nos dias de hoje. A leitura em determinados trechos, por estar carregada de termos arcaicos em inglês, torna-se um pouco difícil, pois não há uma compreensão do que está sendo dito. Adicionalmente, alguns desses termos não possuem equivalentes próximos na língua de partida e, nas versões mais atuais do livro, encontramos apenas uma explicação do termo por meio de uma frase ou contextualização.

A seguir temos alguns exemplos<sup>2</sup> que demonstram essa dificuldade de compreensão:

*“Then began he to smell on the villain so rammishly that none there but was ready to rent him in pieces”.*

Rammishly: with a bad smell.

*“Yet left I not here, but committed a little more scutchery.”*

Scutchery: Knavery (NED); (to scotch = to beat, lash).

*“What news from heaven, hell, and the land of whipper-ginnie.”*

Whipper-ginnie: Purgatory (OED); also meant a loose woman.

*“so handled the matter that Castaldo exclaimed: ‘ Out, whore! Strumpet! Six-penny huckster! Away with her to prison.”*

---

<sup>2</sup> As definições foram retiradas da edição: *The Unfortunate Traveller and other works*. Ed.J. B. Steane. New York: Penguin, 1987.

Six-penny huckster: Cheap prostitute.

No caso deste último exemplo, o autor utilizou três formas diferentes para o termo prostituta. O tradutor precisará avaliar o peso e a diferença entre cada um dos termos, para, então, buscar três termos equivalentes na língua de chegada.

### **Como introduzir/ apresentar ao leitor as várias referências inseridas no texto de Nashe?**

Podemos encontrar referências extralinguísticas de diversos tipos no texto de Nashe.

Referências a autores consagrados anteriormente ao período de Thomas Nashe e muito conhecidos do público elisabetano são encontradas com frequência no texto. Dentre os autores citados na obra, estão os seguintes poetas: Publius Ovidius também conhecido como Ovídio (43 a. C - 17 d. C.) poeta romano e autor do livro *Amores*, *Heroides and Metamorphoses*, do qual Nashe utiliza vários trechos no livro e o poeta Aretine, também conhecido como Pietro Aretino (1492–1557), ao qual Nashe dedica um trecho do livro enaltecendo sua habilidade com a caneta.

Outras referências dizem respeito a: personagens da mitologia grega, tais como Palamedes, Achilles e Lycaon; autores da área de medicina, como Galen, Hippocrates, Paracelsus; e figuras da cultura popular local, por exemplo, Brute e Brother Bankes.

Inserir notas apenas ao final da tradução poderá ser uma opção interessante para tratar os problemas específicos encontrados no texto. Tais notas serviriam para explicar algumas soluções adotadas, definir palavras e expressões pouco usadas, expor significados e referências não imediatamente evidentes ao leitor e esclarecer alguns problemas da narrativa do texto original.

## 5. Pressupostos Teóricos

Em seu livro *Estudo de Tradução*, Susan Bassnett (2005) discute alguns problemas específicos da tradução literária. Ela afirma que um romance deve ser traduzido considerando sua estrutura como um todo e não se deve traduzir as sentenças ou trechos isoladamente. Ela também chama a atenção para o fato de existirem muitos tradutores que “ainda aderem ao princípio de que um romance consiste primeiramente em um material de conteúdo parafraseável que pode ser traduzido diretamente”.

Ao traduzir esse romance picaresco, além de considerarmos a estrutura do romance escrito como um todo e de enfrentarmos a dificuldade evidente de compreender uma etapa da língua inglesa distante da atual, é preciso também considerar fatores extralinguísticos, como por exemplo: a condição do autor na época elisabetana, seus questionamentos e os discursos proferidos na época.

Ao pesquisar sobre a condição dos escritores no período elisabetano, descobrimos que havia apenas duas formas de patrocínio para eles. A primeira era a dos patronos, e a segunda, a dos editores. O patrono costumava ser alguém da alta sociedade que contribuía financeiramente com um escritor desde que este dedicasse suas obras a ele. Há registros de boas relações entre patronos e escritores na época, como é o caso de Shakespeare e seu patrão, o Conde de Southampton.

Essa forma de apadrinhamento era interessante, mas nem sempre bem sucedida, como no caso do escritor Robert Greene, que teve dezesseis patronos diferentes para dezessete livros publicados. No livro *The Norton anthology of English literature, major authors edition*, Abrams (2006) relata que devido a esta dificuldade de encontrar bons patronos, uma prática fraudulenta começou a se propagar na época. Alguns escritores

imprimiam o mesmo livro com dedicatórias diferentes, enganando assim diversos patronos para que pudessem receber diversos patrocínios ao mesmo tempo.

Já o patrocínio dos editores era bem diferente do que conhecemos hoje. Por exemplo, não havia pagamento de direitos autorais. Os autores vendiam seus livros aos editores, e embora não tivessem mais domínio de autoria da obra, ainda poderiam responder criminalmente pelos conteúdos inseridos nela, caso estes não agradassem as autoridades políticas e religiosas da época. Abrams (2006) também ressalva que:

Quase todos os escritores do período tiveram algum tipo de problema com a publicação de um livro. Podiam ser presos, sofrer algum tipo de repressão ou talvez ser investigados pela Star Chamber<sup>3</sup>. Era perigoso colocar a caneta no papel, e era tão pouco rentável, que é admirável o fato de um original ter sido publicado. Contudo, a era elisabetana é extremamente prolífica em escrever e publicar. (ABRAMS, 2006, p. 284)

A vida dos escritores não era fácil nesse período e a realidade de Thomas Nashe não foi diferente. Por ser muito crítico e produzir obras literárias polêmicas, Nashe, em alguns momentos, teve problemas com autoridades políticas e religiosas da época, como no caso da publicação de *The Isle of Dogs*:

Nashe escapou para Great Yarmouth, onde passou seis semanas, de acordo com *Lenten Stuffe* e Francis Meres informou que Nashe ainda estava banido de Londres, em *Palladis Tamia*, registrado em 07 de setembro de 1598. [...] Em 01 de junho de 1599, o arcebispo Whitgift proibiu Thomas Nashe de publicar no futuro, e ordenou que o estoque existente de suas obras fosse queimado. (MURPHY, 2009)

Jennifer A. Turner (2000), autora da dissertação: *Subjects in Space: The Politics of Travel in Early Modern England*, explica que “Nashe desenvolveu sua carreira como autor no mercado de impressão depois de não conseguir prosperar em instituições que, tradicionalmente, proviam autoria com sua base material econômica: as universidades e

---

<sup>3</sup> A mais alta autoridade política no reino abaixo da rainha.

o sistema de apadrinhamento”. Ela também afirma que Nashe registra suas decepções e dificuldades como um autor no mercado de impressão por meio de seu viajante desafortunado, Jack Wilton, pois este funcionaria como uma *persona* de Nashe.

Como já citado anteriormente, o romance apresenta alguns problemas de retórica. Podemos perceber claramente, em alguns momentos, a voz do autor sendo misturada com a voz do narrador. É possível encontrar um exemplo deste problema de retórica no episódio em que Jack viaja para Münster na Alemanha e conhece John Leiden, líder dos Anabatistas que lutavam contra o duque de Saxony. O grupo liderado por Leiden estava sendo exterminado, pois eles se recusavam a carregar armas de guerra na batalha. O narrador então aproveita essa oportunidade para pregar um longo sermão baseado numa passagem da Bíblia, mais precisamente do livro de Mateus, condenando as atitudes dos Anabatistas.

Quando Cristo disse: “o Reino dos céus é tomado à força”, Ele não se referia à força dos longos murmúrios dos que oram e nem à força dos entediantes e veementes sermões sem engenho, mas à força da fé, à força das boas obras e à força do sofrimento paciente. Os ignorantes agarram-se ao Reino dos céus com avidez, enquanto nós, com todo nosso conhecimento, afundamo-nos no inferno. (NASHE, 1594, p. 18)

Este trecho é apenas uma parte de um longo sermão sobre os Anabatistas e conseqüentemente uma crítica aos protestantes, também conhecidos como Puritanos. Nashe não gostava dos Puritanos, então, por meio de Jack Wilton, ele declara: “Ouça o que significa ser Anabatista, ser puritano, ser vilão. Você pode ser considerado reformista iluminado por um tempo, mas o seu fim será: *pessoas do bem, rogai por nós*”.

Segundo Kurtis B. Haas (2003) em seu artigo *The Unfortunate Traveller and the Ramist Controversy: A Narrative Dilemma*, “este sermão faz sentido quando relacionado ao estilo conservador de Thomas Nashe, mas quando relacionado ao estilo

um tanto quanto amoral de Jack Wilton (como claramente está), o sermão resulta, de modo constrangedor, em um ato retórico autoconsciente polêmico e intrusivo”.

O artigo de Kurtis procura entender e classificar a retórica de Thomas Nashe dentro das linhas Ramista e Ciceroniana. Após elaborar uma análise sobre esta passagem, ele explica que Jack Wilton deu voz às opiniões que podemos presumir serem de Nashe, mas falhou em apresentá-las de maneira coerente:

Ele não usou o método Ciceroniano para construir argumentos, não adotou a *ars praedicandi* medieval, e nem usou o método Ramista de invenção e julgamento. Esse confuso ambiente intelectual cria um remoinho sem controle, no qual o sermão falha, propriamente, em expressar seu tópico, manter um estilo convincente, ou até mesmo em manter constantemente uma voz retórica consistente. Resumindo, os problemas do sermão são uma micro-versão dos problemas do texto inteiro em *The Unfortunate Traveller*. (HAAS, 2003, p.32)

Por outro lado, mesmo considerando a estrutura do romance escrito em um contexto diferente e os fatores extralinguísticos que o circundavam, segundo Rosemary Arrojo (2003), a interpretação que o tradutor proporá do texto original também será um produto de sua época, de sua cultura, de suas leituras, de seu conhecimento sobre o autor e de suas concepções teóricas até o momento.

Adicionalmente, Peter Burke (2008) em seu artigo, *Cultures of translation in early modern Europe*, afirma que “a atividade de tradução envolve, necessariamente, tanto descontextualização quanto recontextualização. Algo é sempre "perdido na tradução". No entanto, a análise atenta das perdas é uma das formas mais eficazes de identificar diferenças entre as culturas”. Nenhuma tradução pode ser totalmente igual ao texto original, pois o tradutor há de respeitar as questões culturais, semânticas e estruturais da língua de chegada, mas ao mesmo tempo, ele deve tentar preservar ao máximo o estilo do autor do texto original, realizando as devidas adaptações quando necessárias.

## 6. Metodologia de pesquisa

As ações metodológicas deste trabalho destinam-se a: escolher o tipo de tradução que melhor se aplica a esta obra por meio de análises teóricas e de conversas com o orientador, com professores e profissionais da área de tradução; estudar a vida do autor e o contexto em que a obra foi escrita; realizar leituras da obra com o intuito de elencar os termos e trechos problemáticos criando um glossário; buscar soluções para esses problemas por meio de análises de traduções com problemas parecidos, dando preferência a traduções feitas para o português a partir de obras de Chaucer e Shakespeare e de ficções picarescas, tais como *Dom Quixote de la Mancha* e *Lazarillo de Tormes*. Até o momento, não foram encontradas traduções desse livro de Thomas Nashe para outros idiomas, mas caso sejam encontradas, essas traduções serão referências importantes na tradução para o português.

Para a análise do vocabulário e das estruturas específicas do inglês usado durante o período elisabetano, assim como para coleta de dados históricos em que a obra foi escrita será efetuada a busca em fontes de informação tais como: dicionários, glossários, gramáticas e obras de estudo que trabalhem com a Literatura Inglesa do período elisabetano (1558-1603) e a vida e obra de seus escritores.

Para a escolha do tipo de tradução serão utilizados os livros de Teorias de Tradução mais usados e discutidos no Brasil atualmente, como os de Lawrence Venuti, Susan Bassnett, Antoine Berman, Gideon Toury, entre outros. Isso, todavia, não impede que outras fontes coerentes com a proposta sejam utilizadas para tornar o argumento mais consistente e a tradução melhor elaborada.

## **7. Cronograma**

O prazo para elaboração e conclusão da dissertação é de dois anos e o cronograma será dividido em quatro semestres. Os dois primeiros semestres serão utilizados para o levantamento bibliográfico necessário para desenvolver a dissertação, sendo que, no primeiro semestre, a ênfase será em compreender a estrutura e o vocabulário específicos do inglês usado no período elisabetano, os termos renascentistas que se perderam com o tempo e as referências citadas ao longo do romance para dar início ao processo de tradução. O romance não é muito extenso, possuindo apenas sessenta e oito páginas, o que permite que sua tradução seja elaborada durante o desenvolver do curso de mestrado.

Durante os três primeiros semestres, a participação em aulas será necessária para discutir teorias pertinentes à pesquisa e enriquecer o levantamento bibliográfico. No segundo semestre, será iniciada a preparação do texto para a qualificação, a fim de apresentar os primeiros resultados da pesquisa e da tradução proposta neste projeto.

Nos últimos dois semestres, após qualificar a pesquisa, será escrita a dissertação. Esta será submetida a revisões do professor orientador para discussão do tema e possíveis alterações, visando ao aperfeiçoamento do texto e evitando, assim, qualquer incoerência nos resultados apresentados.

A seguir, temos um cronograma sequencial que ilustrará melhor as etapas do processo de elaboração da dissertação de mestrado proposta neste projeto de pesquisa:

	2012/2	2013/1	2013/2	2014/1
Levantamento bibliográfico	x	x		
Estudo do vocabulário específico do inglês usado durante o período elisabetano	x			
Participação em aulas	x	x	x	
Trabalho nos capítulos teóricos sobre Tradução e Literatura Inglesa	x	x		
Preparação para qualificação		x		
Produção textual para qualificação		x		
Produção da dissertação – compilação da tradução e dos textos elaborados			x	x
Revisão		x	x	x
Defesa e entrega da dissertação				x

## 8. Bibliografia

ABRAMS, Meyer Howard. *The Norton anthology of English literature, major authors edition*. 8ª edição. Nova York: Norton, 2006.

ARROJO, Rosemary. *Oficina de tradução - A teoria na prática*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 2003. p. 44.

BAKER, Ernest A. *The History of the English Novel*. London: H. F. & G. Witherby, 1929, pp. 153-169. Disponível em:

<http://web.archive.org/web/20040131033738/http://freessays.0catch.com/nashebaker.html> Acesso em: 10 jan 2011.

BASSNETT, Susan. “*Problemas específicos da tradução literária*”. In: Estudos de Tradução. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2005 (Original edition London: Methuen).

BURKE, Peter. *Cultures of translation in early modern Europe*. In: BURKE, P.; HSIA, R. Po-chia (ed.) *Cultural translation in early modern Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

DELISLE, Jean / Judith WOODSWORTH. *Os tradutores na história*. São Paulo, Ática, 2003.

ECO, Humberto. *Como se Faz uma Tese*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007.

HAAS, Kurtis B. *The Unfortunate Traveller and the Ramist Controversy: A Narrative Dilemma*. *Quidditas: Journal of the Rocky Mountain Medieval and Renaissance Association*, 2003, Vol. 24, pp. 25-37. Disponível em:

<http://humanities.byu.edu/rmmra/pdfs/24.pdf>. Acesso em: 3 ago 2010.

HOMEM, Rui C. “*The feast and the scraps – translating Love’s Labour’s Lost into Portuguese*” In: HOENSELAARS, Ton. *Shakespeare and the language of translation*. London: Arden Shakespeare, 2004. pp. 114-129.

MARTINS, Marcia A. P. “*Shakespeare em tradução no Brasil*”. In: LEÃO, Liana C. ; SANTOS, Marlene S. *Shakespeare, sua época e sua obra*. Curitiba: Editora Beatrice, 2008. pp. 301-319.

MENTZ, Stephen R. *The Heroine as Courtesan: Dishonesty, Romance, and the Sense of an Ending in The Unfortunate Traveller*. In: *Studies in Philology*. Chapel Hill: Summer, 2001. Vol. 98, Iss. 3; pp. 339. Disponível em:

<http://web.archive.org/web/20070629200941/http://www.geocities.com/yskretz/nashementz.html>. Acesso em: 11 mar 2011.

MURPHY, Donna N. *The Curious Connection between Nashe, Dekker, and Freemasonry*. In: Online Research Journal Article. The Marlowe Society, 2009. Vol. 06. Disponível em: [http://www.marlowe-society.org/pubs/journal/downloads/rj06articles/jl06\\_06\\_murphy\\_nashedekker.pdf](http://www.marlowe-society.org/pubs/journal/downloads/rj06articles/jl06_06_murphy_nashedekker.pdf)

Acesso em: 18 mar 2011

NASHE, Thomas. *The Unfortunate Traveller and other works*. Ed. J. B. Steane. New York: Penguin, 1987.

PÁDUA, Elisabete M. M. *Metodologia de Pesquisa*. Campinas: Papirus Editora, 2004.

TURNER, Jennifer A. Dissertation: *Subjects in Space: The Politics of Travel in Early Modern England*. Ontario: Queen's University, 2000. Disponível em: <http://www.collectionscanada.gc.ca/obj/s4/f2/dsk2/ftp03/NQ63464.pdf>. Acesso em: 11 mar 2011.

VENUTI, L. *Translation, community, utopia*. In: VENUTI, L (ed.) *The translation studies reader*. New York-London: Routledge, 2004. pp. 482-502.